

## Natal

### 1ª leitura (Antigo Testamento) - Isaías 9:2-4,6-7

Os capítulos 1 a 39 contém as profecias do "Isaías histórico" que continuam em Dêutero-Isaías (40-55) e Trito-Isaías (56-66). Isaías profetiza no fim do século oitavo, num contexto internacional conturbado pelo avanço do Império Assírio. Em 722 a.C. cai a Samaria, capital do Reino de Israel (8:3). Então Judá, Reino do Sul, ficou balançando entre se entregar aos assírios ou fazer uma aliança com os egípcios. No entanto para Isaías o Egito e a Assíria representavam o mesmo mal (7:18-19).

Isaías passa a denunciar todas as formas de opressão e injustiça praticadas pelos governantes e as famílias ricas de Jerusalém: *"Sião, onde prevalecia o direito, onde habitava a justiça, mas agora, povoada de assassinos. A tua prata se transformou em escória...os teus príncipes são uns rebeldes, companheiros de ladrões; todos são ávidos por subornos...não fazem justiça ao órfão...será a destruição dos ímpios e dos pecadores, todos juntos!"* (Is 1,21,22ª,23,28a).

Assim o profeta deixa claro que a Paz e a Justiça não podem ser importadas mas devem nascer no meio do povo como uma *"uma semente santa"* (Is 6:13).

A falsa alegria de quem corre atrás de interesses egoístas deve dar lugar a alegria da Paz verdadeira que nasce da partilha (Is 9:2); do fim da opressão e da exclusão (9:3), do fim de toda guerra e toda veste revolvida em sangue (Is 9:4).

A profecia de Isaías declara a Paz como ação oposta à forma como os poderosos oprimem, dominam e destróem os povos. No lugar de armas e exércitos a Paz traz relhas e podadeiras ou foices e enxadas (2:4b). No lugar de poderosos tiranos e exércitos cureis se anuncia o rei-criança que será: *Conselheiro maravilhoso, Deus forte, Príncipe da Paz* (Is 9:5).

Isaías anuncia a inversão total da lógica que dominava Judá e Jerusalém. Enquanto se discutiam alianças com nações poderosas, ele aponta para a prática da justiça, do direito e da defesa dos direitos humanos especialmente das pessoas excluídas da sociedade representadas nos órfãos e viúvas. Enquanto se pensava na segurança de muralhas, armas e exércitos, o profeta apresenta uma criança que, sendo desprovida de violência, reflete claramente todo o poder pacificador de Deus.

O anúncio evangélico do nascimento de Jesus é também uma inversão da lógica dominante como o fez a profecia de Isaías. Ao lado dos palácios, um rei que nasce na periferia (Lucas 2:6-7). Ao lado dos tiranos, uma criança sem teto da qual virá a salvação para a humanidade (Tito 2:14). Ao lado da falsa alegria do lucro de poucos e a miséria de quase todos, o nascimento de Jesus promove *"uma grande alegria para todo o povo"*, alegria anunciada a simples pastores de ovelhas: sem armas, sem guerras e onde o único exército é de seres angelicais (Lucas 2: 8-14). (HMG)

### 2ª leitura (Epístola): Tito 2.11-14

A graça de Deus se manifestou (*epephane*) salvadora a todas as pessoas (ver, por ex., Gl 3.28). Ai está o sentido da seleção do texto para o Natal. A graça de Deus é a vida, o ministério, a morte e a ressurreição de Jesus voltados para a salvação da humanidade. É isso que é narrado e celebrado no Natal na forma de estórias, orações, hinos.

No texto selecionado essa graça tem efeito na relação entre as pessoas e no modo de viver e conviver em comunidade, isto é, em cidade. A graça toma a forma pedagógica, seguindo os planos de Deus em Cristo e o seu efeito é ressaltado por três termos: sobriedade, justiça e piedade. É um termo já consagrado para a recomendação das pessoas na área eclesial. A sobriedade, moderação ou autocontrole começa com a pessoa, mas envolve a relação com outros da casa ou da comunidade. Viver com justiça e retidão implica na consideração pelo outro. Piedade se refere à relação com Deus, pois seria muito estranho sem o cultivo da espiritualidade relacionada com todas as dimensões da vida e querer ser membro da casa de Deus.

A graça tem essa área de manifestação. Essa é a dimensão positiva, que envolve a renúncia às paixões imoderadas com respeito à vida deste mundo. É como no Batismo, em que renunciamos ao poder do mal e a todos os poderes que se rebelam contra Deus, a tudo que impede e frustra a vida de filhos e filhas, cidadãos e cidadãs e aceitamos seguir a Jesus como Senhor e Salvador, construindo os laços de fraternidade e co-cidadania em nosso redor como ponteiros e antecipadores do reinado de Deus. Esses três elementos estão articulados nos votos e aliança batismais. Em poucas palavras, o autor insiste nessa pedagogia da graça para este período antes do Fim. A graça volta-se para a esperança da manifestação plena da glória de Jesus Cristo. Todo esse conjunto de marcas de um estilo de vida tem caráter provisório, porém significativo, cercado e alimentado pela graça e esperança manifestas em Jesus Cristo.

A Festa do Natal celebra por meio de Palavra e Sacramento a Palavra (graça) de Deus que se fez carne cheia de glória, esperança e paz e se torna ocasião para refletir sobre a formação da vida, do convívio, em meio aos grandes anseios das pessoas por essa formação. E a nossa tarefa é conectar esses anseios com a edificação da vida conforme os planos de Deus (*oikonomia* e mistério), que tem a ver com a paz, que se manifesta na construção da fraternidade, amizade e cidadania. (ST)

## **Santo Evangelho: Lucas 2, 1-20**

O texto do Natal é a meditação sobre o significado paradoxal do nascimento de Jesus. "Manifestou-se a graça de Deus". Nesse menino se acha a possibilidade de um novo tempo para o mundo, de justiça e de paz.

Mas quem é que nos promete paz e prosperidade? São os ricos e poderosos que dirigem os destinos do mundo. E o pior é que pobres e oprimidos crêem em suas promessas e se deixam levar por sua mentalidade (Lc 22, 24-27). O imperador de Roma fazia-se chamar de "Senhor" e "Salvador". E o nascimento de príncipes e suas vitórias eram anunciados como "boas-novas". O evangelista nos diz que Senhor e Salvador é Jesus, e seu nascimento é que é a boa-nova (v10-11). Sim, "boa-nova para todo o povo".

Quem é Jesus? Uma criança nascida na periferia de Belém, filha de pobres, enrolada em trapos, reclinada num cocho de animais. E eis o paradoxo: é ela que vem indicada pelos céus como Filho de Davi.

Ora, Davi permanecia na memória do povo como o rei ideal. Talvez porque fora o primeiro (Saul tinha sido apenas o momento de transição entre o tribalismo e a monarquia) e ainda não se manifestara com ele tudo o que a monarquia significou de opressão ao longo de séculos.

O centro da corte tinha sido Jerusalém, com seus palácios e seu grandioso templo, todo o aparato de um Estado teocrático. Aí Davi fora entronizado rei. Mas sua origem era de Belém, do clã de Jessé, povo de pastores. Por isso, de propósito, o Evangelho relaciona Jesus, não com o Davi de Jerusalém, mas com o Davi de Belém. A Belém estava ligada uma figura de Davi pastor, o menor dos filhos de Jessé, um "pequeno" membro do povo das tribos (1Sm 16). O sistema tribal era o avesso da monarquia: autonomia local em vez de centralismo do Estado; economia camponesa coletiva; vínculos de mútua ajuda e assistência entre familiares e vizinhos nas aldeias; governo local nas mãos dos anciãos, chefes de família; organização popular, inclusive do exército.

É por isso que Jesus nasce em Belém, cidade do Davi pastor, entre pastores. Não é de rei, de que o povo precisa, mas de pastor (1S 17, 32-40). Em Jesus, Deus declara aliança mediante um específico projeto de vida para Seu povo, aquele projeto que a Bíblia sintetiza com o ideal do tribalismo: economia de partilha, igualdade e organização popular. O menino, Príncipe da Paz, é o símbolo e princípio do que hoje chamamos de poder popular, nascido da sociedade organizada. Esse é o fundamento sólido da justiça e da paz, possibilidade de novo tempo para o mundo. Só assim se revela a glória do Senhor (v9).

Os anjos formam como um maravilhoso coro em torno da manjedoura e são o símbolo da condição divina de Jesus. Na Bíblia, anjo traduz o termo "mensageiro", veículo dos recados de Deus para a humanidade. Deus se comunica com os seres humanos através de sonhos, de visões ou de emissários imaginados como agentes de sua corte celestial. Se Deus é transcendente e totalmente santo, isto é, "separado" de qualquer criatura, imagina-se que entre Seu "trono" e a terra são necessárias mediações, intermediários.

Maria, como nós, guarda tudo meditando em seu coração. Só a ressurreição de Jesus vai revelar Sua real identidade e, mesmo assim, continuamos na escuridão da fé, maravilhados com o que se diz a nosso redor acerca das ações de Deus (v18). (SAGS)